

DIA, HORA E LOCAL DE NASCIMENTO DE CAIRO (21-34)

OBRA COMPLETA DE
ALBERTO CAEIRO



FERNANDO PESSOA

EDIÇÃO DE
JERÓNIMO PIZARRO · PATRICIO FERRARI

COORDENADOR DA COLECÇÃO
JERÓNIMO PIZARRO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXVI

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO • 9

POESIA

1. *O GUARDADOR DE REBANHOS* • 29
 2. *O PASTOR AMOROSO* • 75
 3. *POEMAS INCONJUNCTOS* • 85
- ANEXOS • 121
- CADERNO • 137

PROSA

1. PLANO DE APRESENTAÇÃO • 221
 2. ENTREVISTAS • 231
 3. ARTIGO PARA A *ÁGUIA* • 237
 4. DIVULGAÇÃO EM INGLATERRA • 255
 5. PREFÁCIO DO TRADUTOR • 273
 6. COMENTÁRIOS • 315
 7. ANTÓNIO MORA • 321
 8. RICARDO REIS • 331
 9. I.I. CROSSE • 341
 10. ÁLVARO DE CAMPOS • 347
- ANEXOS • 361

NOTAS • 377

ORDEM TOPOGRÁFICA DAS COTAS • 467

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS • 471

ÍNDICE ONOMÁSTICO • 475

BIBLIOGRAFIA • 477

NOTAS BIOGRÁFICAS • 483

© Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, 2016

Todos os direitos desta edição
reservados à Tinta-da-china
Rua Francisco Ferrer, n.º 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Obra Completa de Alberto Caeiro*
Autor: Fernando Pessoa
Editores: Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari
Coordenador da coleção: Jerónimo Pizarro
Edição: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Abril de 2016

ISBN 978-989-671-306-5
DEPÓSITO LEGAL n.º 406 896/16

APRESENTAÇÃO

JERÓNIMO PIZARRO

PATRICIO FERRARI

Ad Caeiri manes magistri.

(51-41^r)

Alberto Caeiro está no centro da ficção pessoana. Lisboaeta, nascido a 16 de Abril de 1889, terá vindo à alma de Fernando Pessoa num «dia triunfal», 8 de Março de 1914^a, e morrido de tuberculose em 1915^b. Caeiro terá surgido de uma casualidade – «lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro: de inventar um poeta bucolico, de especie complicada», conta Pessoa (2013, p. 646) – e a sua morte sido condicionada, em retrospectiva, pelo suicídio, a 26 de Abril de 1916, de Mário de Sá-Carneiro. Ambos os poetas teriam morrido jovens por terem sido fadados com o amor dos Deuses – «Morrem jovens os que os Deuses amam», escreve Pessoa por volta de 1924^c – e o desaparecimento de Ca[er]neiro parece motivar o de Caeiro. Um aspecto significativo das datas de nascimento e morte de Caeiro é que estas foram fixadas por Pessoa por volta de 1916, numa altura em que o «poeta bucolico» já podia morrer, por assim dizer, porque já existia o livro pelo qual seria lembrado – *O Guardador de Rebanhos* – e porque já se iniciara a construção de um

a Por volta de 1929, Pessoa indica a data «13 de Março de 1914» (Pessoa, 1966, p. 103; Biblioteca Nacional de Portugal/Espólio 3, 20-77^r). A 13 de Janeiro de 1935, em carta a Adolfo Casais Monteiro, Pessoa indica o dia «8 de Março de 1914» (Pessoa, 2013, p. 646).

b Em Janeiro de 1915, segundo um texto (135) em que Pessoa se contradiz quanto à data de nascimento: diz que Caeiro nasceu em Agosto de 1887, quando no Prefácio de Ricardo Reis (159) está Abril de 1889.

c Citamos um testemunho dactilografado (BNP/E3, 14E-5^r) do *in memoriam* de Sá-Carneiro, que começa: «Morre jovem o que os Deuses amam» (*Athena*, n.º 2, Lisboa, Nov. 1924, p. 41).

segundo Caeiro: aquele jovem Mestre de uma série de discípulos que manteriam viva a sua memória. A nosso ver, há um primeiro Caeiro, que apareceu na primeira semana de Março de 1914 e não foi publicado na revista *Orpheu* (1915); e um segundo Caeiro, já pós-tumo, que é discutido por António Mora, prefaciado por Ricardo Reis, evocado por Álvaro de Campos e publicado na *Athena* (1925) e na *Presença* (1931). Talvez Caeiro tenha razão quando, num poema (64) datado de 8 de Novembro de 1915, diz:

Se, depois de eu morrer, quizerem escrever a minha biographia,
Não ha nada mais simples.
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra cousa todos os dias foram meus.

Mas para escrever essa biografia temos de considerar as duas datas e ainda o que veio depois, porque há poemas caeirianos escritos a seguir a 1915 e porque Caeiro, como todo o Mestre e Fundador, existe e perpetua-se também nas palavras dos seus discípulos.

A data de nascença de Caeiro é relativa, porque Caeiro nasce com *O Guardador de Rebanhos*, mas *O Guardador* não foi escrito num único dia – embora tenha existido um dia mais «triumfal» do que outros no início de Março de 1914 – nem teve, de forma imediata, título e autor. Como explica, e bem, Ivo Castro: «Não há evidência para dizer que o título do ciclo, ou o nome de Caeiro, ou a ideia de ciclo, e menos ainda a sua arquitectura, tenham sido concebidos antes da escrita dos poemas, apesar dessa alegação fornecer em boa medida a substância do ‘dia triunfal’» (em Pessoa, 2015, pp. 11-12). O que hoje sabemos é que alguns poemas de *O Guardador de Rebanhos* – ou melhor: composições soltas de um conjunto ainda indefinido – nasceram por volta do dia 8 de Março de 1914 (alguns poemas são ligeiramente anteriores a essa data «triumfal») e que Caeiro recebeu como data de baptismo a data de criação de

uma série de textos para «fazer uma partida ao Sá-Carneiro», que só a 15 de Junho de 1914 refere Caeiro numa carta (cf. «Saudades ao nosso Alb. Caeiro», em Sá-Carneiro, 2015, p. 210). Independentemente do dia, Março foi o mês em que Caeiro surgiu e o período em que Pessoa escreveu a maior parte de *O Guardador de Rebanhos*. Alguns poemas do ciclo datam do início de Maio, mas esses textos vêm apenas completar os que já existiam, visto que em Março Pessoa já contemplava a hipótese de um livro composto por 49 poemas (Anexo 18). Março foi o mês «triumfal» de Caeiro e não exactamente de Reis nem de Campos, que surgiriam mais perto do Verão de 1914.

A data de morte de Caeiro é incerta. No texto prefacial mais conhecido de Ricardo Reis, datável de 1929, existem espaços em branco, não preenchidos, referentes ao dia e ao mês da morte do Mestre (159). Num horóscopo elaborado anos antes, mas que Pessoa não terá consultado na altura, indica-se que a morte de Caeiro «teria ocorrido quando Júpiter (planeta que neste caso significa a morte) desafiasse o Sol [...] astro que detém a energia vital e [...] rege o corpo físico e a vida daquele poeta», e que Júpiter teria desafiado o Sol a 12 de Maio de 1915 (Pessoa, 2011, p. 77; BNP/E3, 21-34^r). Seja ou não essa a data exacta da sua morte, o certo é que quase todos os *Poemas Inconjunctos* são posteriores a ela e que há um poema (60) de 7 de Novembro de 1915 em que Caeiro ainda parece estar vivo:

Se eu morrer novo,
Sem poder publicar livro nenhum,
Sem ver a cara que fazem os meus versos em letra impressa,
Peço que, se se quizerem ralar por minha causa,
Que não se ralem.
Se assim aconteceu, assim está certo.

Porque terá Pessoa continuado a escrever textos caeirianos até finais de 1915, e mesmo depois, e porque terá continuado a antepor

datas a muitos deles? Num texto prefacial às obras de Caeiro, Reis, Mora, Campos e Guedes, Pessoa indica que «Cada personalidade d'essas – reparaie – é perfeitamente una comsigo propria, e, onde ha uma obra disposta chronologicamente, como em Caeiro e Alvaro de Campos, a evolução da pessoa moral e intellectual do author é perfeitamente definida» (Anexo 22). Tencionava Pessoa alterar as datas reais de algumas composições? É muito provável que sim, atendendo a que a data que deu, em 1925, a *O Guardador de Rebanhos* na revista *Athena*, n.º 4, foi «1911-1912»; e a data que deu aos *Poemas Inconjunctos*, no n.º 5, foi «1913-1915». Portanto, se admitirmos a data fictícia da morte, 1915, talvez tenhamos de ler a obra caeiriana dentro da baliza temporal de 1911-1915...

Ler Caeiro é ler um heterónimo cuja «pessoa moral e intellectual» nunca terminou de ser construída e cuja obra ficou por estabelecer, visto que Pessoa não a publicou integralmente e nunca acabou de a «fixar» (depois de publicar a «escolha de poemas» na *Athena*, continuou a rever alguns poemas de *O Guardador de Rebanhos*, por exemplo). Caeiro é, portanto, tal como outros heterónimos, uma construção editorial póstuma – posterior a 1935 –, na medida em que as edições caeirianas divergem na organização dos poemas, na leitura de alguns versos, na inclusão de certas composições e no número de poemas de dois ciclos. Foi Maria Aliete Galhoz, por exemplo, e não Fernando Pessoa, quem pela primeira vez reuniu alguns poemas sob o título *O Pastor Amoroso*. Até certo ponto, Caeiro indica o que Caeiro poderia ter sido: conserva-se o caderno de *O Guardador de Rebanhos*, cheio de variantes, que indica que poderia ter existido um livro *ne varietur*; existem referências a *O Pastor Amoroso* que indicam que poderia ter sido configurada uma *plaque* com esse título; há um plano de lançamento continental de Caeiro que indica que este poderia, antes da revista *Orpheu*, ter transcendido fronteiras.

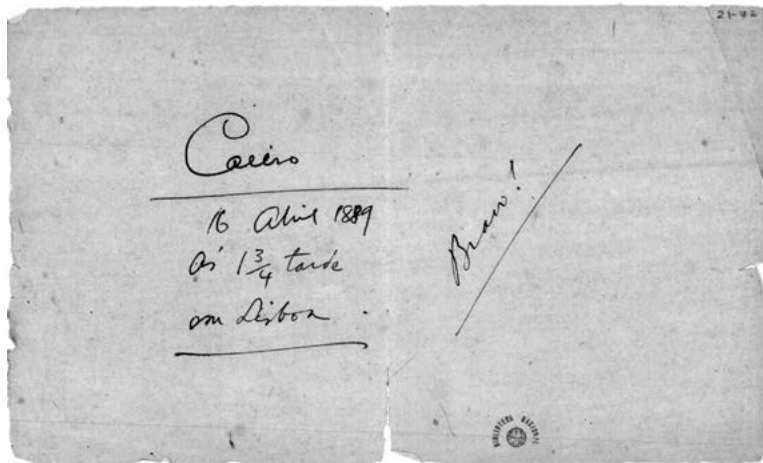
*

Nascido em Lisboa, Caeiro seria um pastor que «viveu quasi toda a sua vida no campo» e que «não teve profissão nem educação quasi alguma» (Pessoa, 2013, p. 648). Um poeta «quasi ignorante das letras» (159) que, na sua própria obra, se gaba de não ler certos autores, como Virgílio (XII), ou, simplesmente, de passar o tempo «sem ler nada, nem pensar em nada» (XLIX). Um espontâneo, um ingénuo, um simples. Em poucas palavras, Caeiro é um mito. Um mestre cuja obra transcende a inspiração: «Escrevo versos num papel que está no meu pensamento» (I), diz, mas os seus pensamentos são sensações (IX); então onde escreve e como torna inteligíveis as suas sensações? Em que consiste «desaprender» (XXIV)? Caeiro goza com os poetas artesãos («E ha poetas que são artistas| E trabalham nos seus versos | Como um carpinteiro nas taboas!...» [XXXVI]). Mas que tipo de poeta é Caeiro? O mais natural ou o mais artificial que jamais existiu? Um poeta que desdenha a técnica, que poderia dizer, com Keats, «if Poetry comes not as naturally as the Leaves to a tree it had better not come at all» [se a Poesia não nos acontece tão naturalmente como as Folhas a uma árvore, melhor seria que não acontecesse de todo] (Keats, 2005, p. 97)^a; ou um poeta para quem a técnica é inevitável, que poderia dizer, com Wilde, «Nature is no great mother who has borne us. She is our creation» [A Natureza não é uma portentosa mãe que nos deu à luz. É uma criação nossa] (Wilde, 1991, p. 91). A nosso ver, Caeiro ocupa um lugar central no universo pessoano, porque, sendo a imagem do poeta mais natural é, ao mesmo tempo, a encarnação do poeta mais artificial.

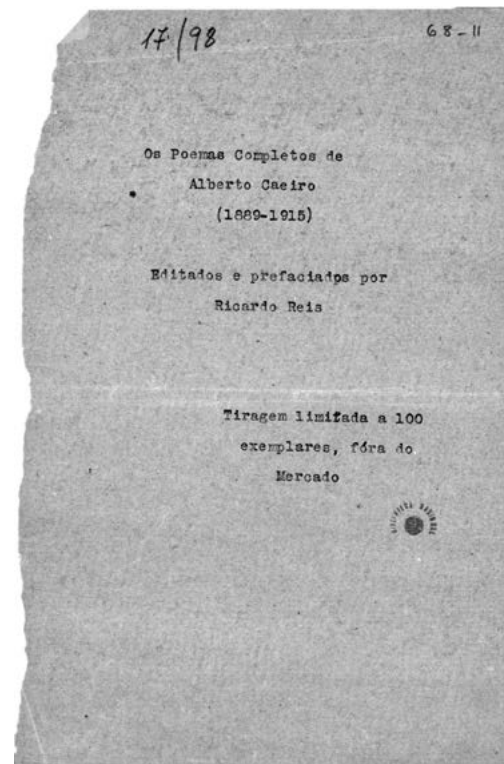
Um dos resultados significativos do estudo da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa^b foi ter permitido concluir o que andaria Pessoa a ler antes do chamado «dia triumphal»:

a Passagem da carta de Keats ao editor inglês John Taylor, datada de 27 de Fevereiro de 1818.

b O nome «Caeiro» figura em páginas de quatro livros dessa biblioteca: *Poems* [1895], de Walt Whitman; *Paradoxes psychologiques* (1911), de Max Nordau; *Pioneer Humanists* (1907) e *The Baconian Heresy: a confutation* (1913), de John Mackinnon Robertson. Não acontece o mesmo com os nomes «Campos» e «Reis» (Ferrari, 2011).



NASCIMENTO DE ALBERTO CAEIRO. «BRAVO!» (21-72^o)



FOLHA DE ROSTO DO PLANO DE UMA EDIÇÃO DE TIRAGEM LIMITADA (68-11^o)

POESIA

1

O GUARDADOR DE REBANHOS

Publicam-se criticamente os textos a partir dos originais de Fernando Pessoa albergados na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP/E3). As cotas das fontes usadas para a edição de cada texto são indicadas entre colchetes. Nos capítulos seguintes, as chamadas alfabéticas remetem para notas de rodapé de carácter informativo; as chamadas numéricas, para notas finais de natureza filológica. Para além dos colchetes que servem para desenvolver abreviaturas, nos textos transcritos podem figurar os símbolos seguintes, inicialmente utilizados na edição crítica das obras de Fernando Pessoa:

- ◇ espaço deixado em branco pelo autor
- * leitura conjecturada
- † palavra ilegível
- [] conjectura adicionada pelo editor

Os sublinhados no texto original são reproduzidos em itálico.

Para outros símbolos, ver a página 378.

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
5 E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
10 Para a nossa imaginação,
Quando se vê acabar lá ao longe
E se sente a noite já entrada
Como uma borboleta com a janella aberta.

Mas a minha tristeza é socego
15 Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ella dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
20 Para além da curva da estrada,

a No caderno de *O Guardador* figura a data «8-3-191<3>/4\», isto é, a data «oficial» do denominado «dia triumphal» (8 de Março de 1914); mas no bifólio 67-38 | 38a, a data «4-III-1914», anterior por cinco dias. Guiamo-nos sempre pelas datas dos testemunhos mais antigos.

Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que elles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
25 Seriam alegres e contentes.

Pensar incommóda como andar á chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
30 É a minha maneira de estar sòzinho.

E se desejo ás vezes,
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
35 A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silencio pela herva fóra.

Quando me sento a escrever versos
40 Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um outro de mim
No cimo d'um outeiro,
45 Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéas,
Ou olhando para as minhas idéas e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não comprehende o que se diz
E quer fingir que comprehende.

Saúdo todos os que me lerem,
50 Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me vêem á minha porta
Mal a diligencia levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
55 E que as suas casas tenham
Ao pé d'uma janella aberta
Uma cadeira predilecta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
60 Que sou qualquer cousa natural —
Por exemplo, a arvore antiga
Á sombra da qual quando creanças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.

Ao meu olhar, tudo é nitido como um girasol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para traz...
5 E o que vejo a cada momento
É aquillo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo commigo
O que teria uma creança se, ao nascer,
10 Reparasse que nascera devéras...

II

[c. 8-3-1914]

Sinto-me nascido a cada momento
Para a completa novidade do mundo...

Creio no mundo como n'um malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso n'elle
15 Porque pensar é não comprehender...
O mundo não se fez para pensarmos n'elle
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para elle e estarmos de accôrdo...

Eu não tenho philosophia: tenho sentidos...
20 Se fallo na Natureza não é porque saiba o que ella é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...
Amar é a primeira innocencia,
25 E toda a innocencia é não pensar...

III Ao entardecer, debruçado pela janella,
[Mar. 1914] E sabendo por cima dos olhos que ha campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O Livro de Cesario Verde.

5 Que pena que tenho d'elle! Elle era um camponez
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas pessoas,
10 É o de quem olha para arvores,

E de quem desce os olhos pela estrada por onde vae andando
E vê que está a reparar nas flores que ha pelos campos...

Porisso elle tinha aquella grande tristeza
Que elle nunca disse bem que tinha,
15 Mas andava na cidade como quem não anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...

Assim elle foi, e o que elle disse
Era poeta d'isto, mas com tristeza.

Esta tarde a trovoada cahiu
Pelas encostas do céu abaixo
Como um pedregulho enorme...

Como alguem que d'uma janella alta
5 Saco de uma toalha de meza,
E as migalhas, por cahirem todas juntas,
Fazem algum barulho ao cahir,
A chuva chiou do céu
E ennegreceu os caminhos...

10 Quando os relampagos sacudiam o ar
E abanavam o espaço
Como uma grande cabeça que diz que não,
Não sei porquê — eu não tinha medo —
Puz-me a querer rezar a Santa Barbara
15 Como se eu fosse a velha tia de alguem...

IV

[Mar. 1914]

Ah, é que resando a Santa Barbara
Eu sentir-me-hia ainda mais simples
Do que julgo que sou...
Sentir-me-hia familiar e caseiro
20 E tendo passado a vida
Tranquillamente, ouvindo a chaleira,
E tendo parentas mais velhas que eu.
E fazendo isso como se florisse assim.

Sentia-me alguém que possa acreditar em Santa Barbara...
25 Ah, poder crer em Santa Barbara!

(Quem crê que ha Santa Barbara,
Julgará que ella é gente e visivel
Ou que julgará d'ella?)

(Que artificio! Que sabem
30 As flôres, as arvores, os rebanhos,
De Santa Barbara?... Um ramo de arvores,
Se pensasse, nunca podia
Construir santos nem anjos...
Poderia julgar que o sol
35 Allumia e que a trovoada
É um barulho repentino
Que principia com luz...
Ah, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estupidos
40 Ao pé da clara simplicidade
E saúde de existir
Das arvores e das plantas!)

E eu, pensando em tudo isto,
Fiquei outra vez menos feliz...
45 Fiquei sombrio e adoecido e soturno
Como um dia em que todo o dia a trovoada ameaça
E nem sequér de noite chega...

Ha metaphysica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

5 Que idéa tenho eu das cousas?
Que opinião tenho eu sobre as causas e os effeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
10 E não pensar... É correr as cortinas
Da minha janella (mas ella não tem cortinas).

O mysterio das cousas? Sei lá o que é mysterio!
O unico mysterio é haver quem pense no mysterio.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
15 Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
20 De todos os philosophos e de todos os poetas.

V
[Mar. 1914]

A luz do sol não sabe o que faz
E porisso não erra e é de todos e boa.

Metaphysica? Que metaphysica teem aquellas arvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
25 E a de dar fructo na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por ellas.
Mas que melhor metaphysica que a d'ellas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

30 “Constituição intima das cousas”...
“Sentido intimo do universo”...
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas d'essas.
É como pensar em razões e fins
35 Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das arvores
Um vago oiro lustroso vae perdendo a escuridão.

Pensar no sentido intimo das cousas
É postiço, como pensar na saúde,
Ou beber de garrafa a agua das fontes.

40 O unico sentido intimo das cousas
É ellas não terem sentido intimo nenhum.

Não accredito em Deus porque nunca o vi.
Se elle quizesse que eu acreditasse nelle,
Sem duvida que viria fallar commigo
45 E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridiculo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não comprehende quem falla d'ellas
50 Com o modo de fallar que reparar para ellas ensina.)

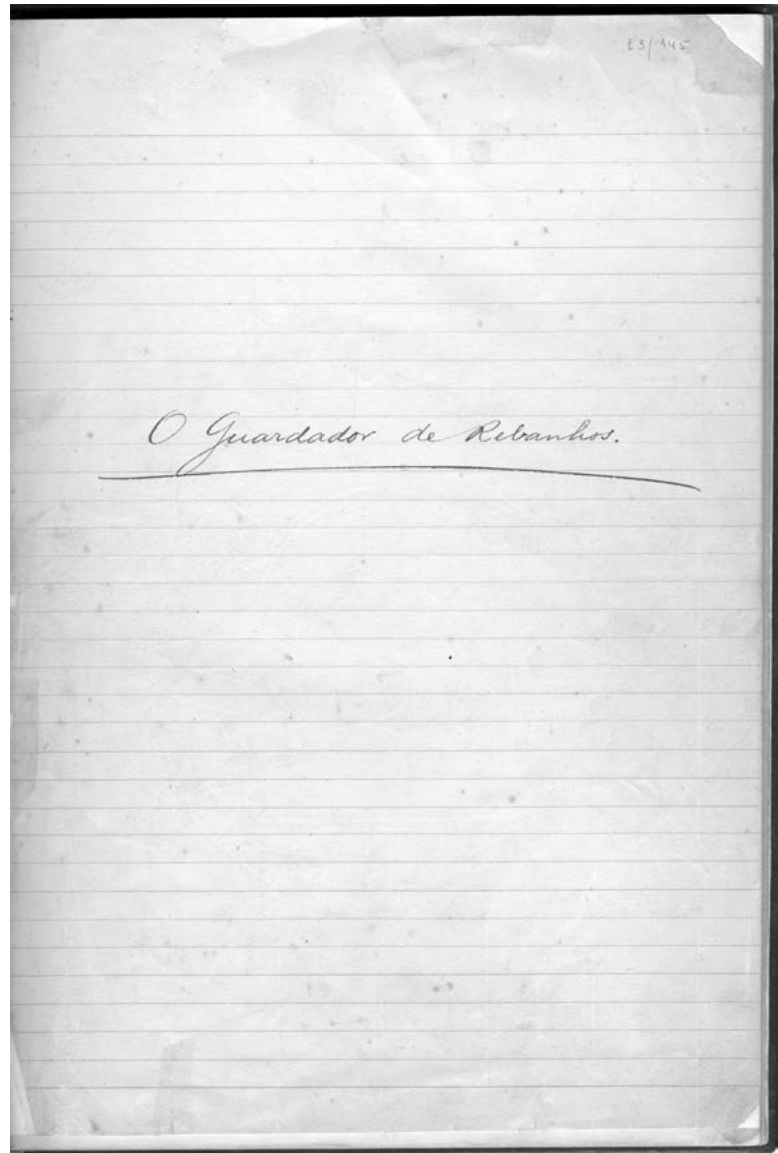
Mas se Deus é as flores e as arvores
E os montes e o sol e o luar,
Então accredito nelle,
Então accredito nelle a toda a hora,
55 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma communhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as arvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
60 Chamo-lhe flores e arvores e montes e sol e luar;
Porque, se elle se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e arvores e montes,
Se elle me apparece como sendo arvores e montes
E luar e sol e flores,
65 É que elle quer que eu o conheça
Como arvores e montes e flores e luar e sol.

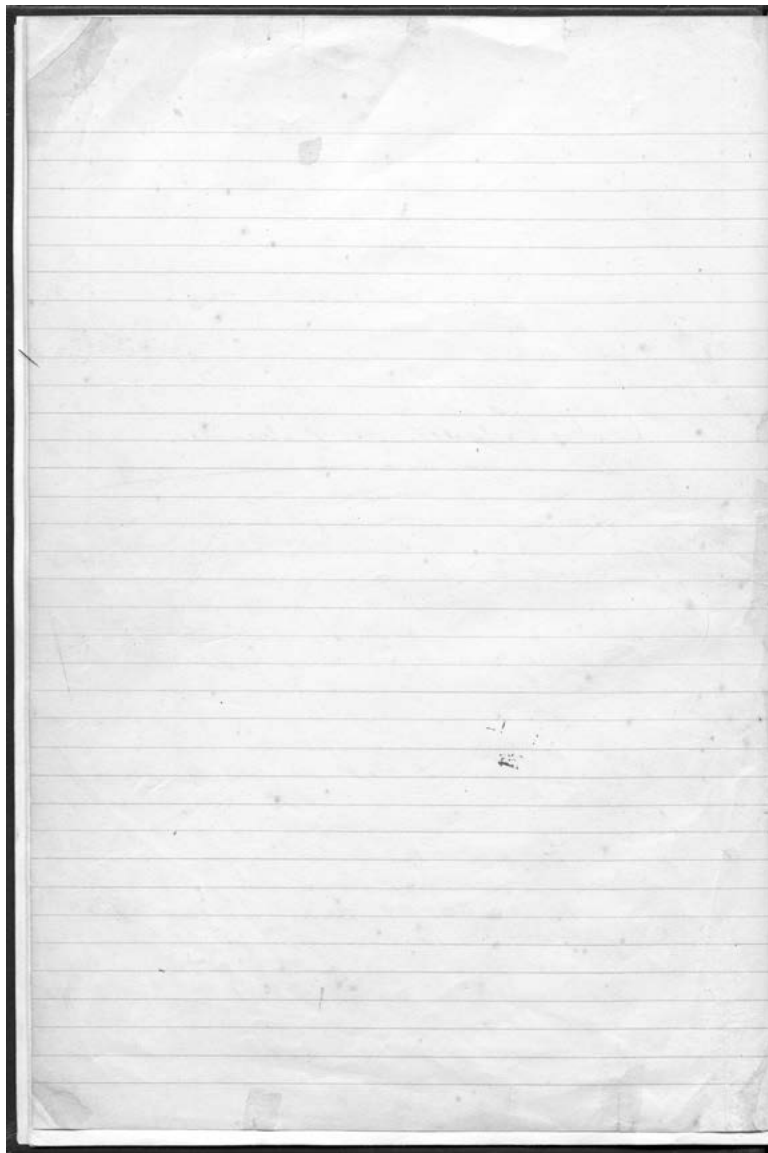
E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si-proprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
70 Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e arvores e montes,
E amo-o sem pensar nelle,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com elle a toda a hora.

POESIA

CADERNO



CADERNO DE O GUARDADOR DE REBANHOS (145)
A ENCADENAÇÃO DE COURO VERMELHO É POSTERIOR À MORTE DE PESSOA.



FOLHA DE PAPEL ALMAÇO DE PAUTAS AZUIS (145°)

1889-1915

Como um fio de sol em um arvore
Como um fio de sol em um arvore

Triste como um fio de sol em um arvore

I. ✕

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é' como se os guardasse...
Muita coisa é' como um pastor,
Porte-se ao vento e ao sol,
E anda pela mão das Estações
A correr e a brincar...
Toda a paz da Natureza sem gente
Tem sentar-se a meu lado...
Mas eu fui triste como um fio de sol
Quando aconteceu ao fundo do oceano,
E os ventos a noite entranhar
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é' alga
Porque é' natural e justa
E é' o que deve ter a alma
Quando nem pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ella das pedras...

Como um riudo de chocolate
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são incontinentes...
Aí tenho pena de saber que elles são incontinentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem incontinentes e tristes,
Seriam alegres e incontinentes...

Pensar incontinentemente como a chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais...

PRIMEIRO POEMA, PRIMEIRA FOLHA (145-1°)
NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO, AS DATAS «1889-1915»

Ficções do Interlúdio
I - 1. Poemas Completos de
Alberto Caetano.
2. Notas - Av. e
Campus.
3. Ovs (vs. I - $\frac{IV}{V}$)
R. P. C.

publicada em 1933

NOTAS

Registam-se aqui as variações de cada texto a partir dos originais do espólio de Fernando Pessoa (Biblioteca Nacional de Portugal/Espólio n.º 3; BNP/E3). Nas notas podem ocorrer os símbolos seguintes, também utilizados na edição crítica das obras do autor:

- ◇ espaço deixado em branco pelo autor
- * leitura conjecturada
- † palavra ilegível
- // passagem dubitada pelo autor
- <> segmento autógrafo riscado
- <>/ substituição por superposição
- <>[↑] substituição por riscado e acrescento
- [↑] acrescento na entrelinha superior
- [↓] acrescento na entrelinha inferior
- [→] acrescento na margem direita
- [←] acrescento na margem esquerda

Nesta secção, as palavras dos editores figuram em tipo itálico.

I | 1

[67-38^o e 38a] [67-2^a a 5] [145-1^a a 3] [Athena 4]
[Anexo 67-1] [Anexo 65-60]

Poema publicado na revista *Athena*, n.º 4, 1925, pp. 145-146. Em 1925, 23 poemas do ciclo *O Guardador de Rebanhos* foram publicados na revista dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz, sob o título «Escolha de Poemas de Alberto Caetano | (1889-1915) || De “O Guardador de Rebanhos” | (1911-1912)». Existem intervenções manuscritas no exemplar da *Athena* que Pessoa conservou na sua biblioteca; consulte-se, na página web da Biblioteca Digital da Casa Fernando Pessoa, o livro que recebeu a cota o-28MN. (O exemplar anotado por Pessoa da revista *Athena* não faz hoje parte dos livros à guarda da Casa Fernando Pessoa. Estava na posse de Manuela Nogueira, sobrinha-herdeira de Pessoa, no momento da digitalização em Abril de 2008, mas foi leiloado a 13 de Novembro desse ano pela soma de 1600 euros; cf. The Fernando Pessoa Auction, 2008, item 60.) Do primeiro poema de *O Guardador* existem quatro testemunhos longos e dois mais curtos: A (67-38^o e 38a), B (67-2^a a 5), Cad (145) e Ath (Athena 4), são os mais longos; C (67-1) e D (65-60), os mais curtos. É interessante notar que em A – um bifólio pautado de grandes dimensões – figura a data mais antiga que se conhece do ciclo de poemas caetirianos: o dia 4 de Março de 1914 (cf. 67-38a^o). Esta data seria extensível aos poemas XVI, XIX, XXXV e XXXIX, de que existe um testemunho no mesmo bifólio.

Para a descrição material dos suportes de escrita, vejam-se a página web da Biblioteca Nacional de Portugal dedicada a Alberto Caetano (<http://purl.pt/1000/1/alberto-caetano/index.html>) e o volume *Poemas de Alberto Caetano* (2015), editado por Ivo Castro.

NOTAS

- 2 **ABCad** guardasse... **Ath** guardasse.] na versão impressa desaparecem quase todas as reticências.
- 3 **A** Minha alma é como um pastor
B Minh' alma é como um pastor,
Cad <Minh' alma> [↑ <Meu ser>]
[→ <Minha alma> <††>] [← <Minha vida> ↑ Minha alma] **Ath** Minha alma é como um pastor
- 4 **AB** Pertence ao **Cad** /Pertence/[↑ *Vive com] [← Conhece] ao [↑ o] vento e ao [↑ o] sol **Ath** Conhece o vento e o sol
- 5 **ABCadAth** E anda pela mão das Estações] em 65-60^o existe uma variante: Vive lá fora com as estações,
- 6 **AB** A correr e a brincar... **Cad** A correr e a brincar [↑ variar.] [→ acompanhar ↓ seguir] [← A seguir e a olhar.] **Ath** A seguir e a olhar.] em 65-60^o existe uma variante: A ficar [↑ passar] e a olhar.
- 7 **A** sem o homem [↑ gente] **BCadAth** sem gente
- 8 **ABCad** lado... **Ath** lado.
- 9 **A** Mas eu fiquei triste como um pôr de sol **B** Mas eu fico triste como um pôr de sol **Cad** [← <Mas eu fico>] <Mas eu fico> <t>/Triste como [↓ o que] um pôr

de sol [→ parece ser] [↑ Mas eu fico triste, por isso e por cousa nenhuma] [↑ Triste como um pôr de sol para quem não olha.] [↑ Como um pôr de sol para nos] [↑ Como um pôr de sol para a nossa imaginação] **Ath** Mas eu fico triste como um pôr de sol

10 **AB** *não consta destes testemunhos. Cad unido e depois separado do nono verso Ath* Para a nossa imaginação,
11 **A** Quando acontece ao fundo do oceano **B** Quando acontece ao fundo do oceano, **Cad** Quando acontece ao fundo do [↑ a] oceano [↑ planície], **C** Quando acontece ao fundo da planície, **Ath** Quando esfria no fundo [← chão] da planície [→ Quando os olhos o veem ao fundo {↑ se vê acabar lá ao longe} (da planície)] *as últimas palavras, «da planície», encontram-se entre parênteses curvos, indicando hesitação do autor; optamos por não as inserir.*

12 **AB** E se sente a noite entrar **Cad** E se sente a noite entrar [↑ ter entrado] [→ que a noite já entrou] [← Quando se sente a noite entrada] **Ath** E se sente a noite [→ já] entrada

13 **A** Como uma borboleta pela janella... **B** Como uma borboleta pela janella. **Cad** Como uma borboleta pela janella. [↓ invisível (que se não viu entrar) ↓ que entrou sem se vê] [← Sem se ter visto que é (↑ era) ella.] **Ath** Como uma borboleta pela janella. [→ dentro de casa.] [→ com a janella aberta.]

9-13 *Segue a transcrição de uma folha solta, 65-60', em que Pessoa ponderou outros versos.*

Mas eu fico triste, como um pôr do sol
Para a nossa imaginação
Ou como um quarto onde já é noite
<Se pens> <que> [↑ Sem que] se desse
por ella chegar.

Para a nossa imaginação
Quando <aconte> [↑ acaba] ao fundo da planície
E no quarto onde estamos [↑ por traz de nós] é quasi noite
Sem que se soubesse como,
Quando nos voltamos para traz. [↓ metemos {↓ voltamos} para dentro.]

Vive lá fóra com as estações,
A ficar [↑ passar] e a olhar.

Mal a diligencia assoma onde desce a estrada

14 **A** Mas a m/ tristeza é alegre **B** Mas a minha tristeza é alegre **Cad** Mas a minha tristeza é alegre [↑ socego] **Ath** Mas a minha tristeza é alegre [↑ socego]
1-15 *Segue a transcrição de uma outra folha solta, 67-1'. Os versos estão encimados pelo número um em numeração romana, «I».*

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
<Quem sou> [↑ Minh' alma] é como um pastor,

Pertence ao vento e ao sol,
E anda pela mão das Estações
A correr e a brincar. (A correr como ellas correm.)

Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado;
Mas eu fico triste, por isso e por coisa nenhuma,

Como um pôr do sol para a nossa imaginação,
Quando acontece ao fundo da planície,
E [↑ se] sente que a noite chegou sem se ver
Como uma borboleta que <entrou> se ouve em [↓ já dentro de] casa.

Mas a minha tristeza é alegre
Porque é natural e justa,

Mas eu fico triste, como um pôr do sol
Para a nossa imaginação
Quando acontece [↑ dura ↑ fica] no fundo da planície
E se sente que a noite [↑ já] entrou
Como uma borboleta pela janella [↑ que se não viu.]

E se sente a noite entrada
Sem se ter dado por [↓ visto que é] ella.

16 **ABCad** ter a alma **Ath** estar na alma
17 **A** Quando nem dá por si [↑ pensa que existe] **B** Quando nem pensa que existe **Cad** Quando <nem> [↑ só] [↓ <nem> ↓ <mal>] [↑ já] pensa que existe **Ath** Quando já pensa que existe
18 **A** E colhe [↑ as mãos colhem] flores sem [↑ ella] dar por isso... **B** E as mãos colhem flôres sem ella dar por isso... **Cad** E [↓ se] as mãos colhem flores sem ella dar por isso... [↓ <e ella não da por isso>] **Ath** E as mãos colhem flores sem ella dar por isso.] *«flores» nunca está acentuado em Ath; por vezes, não sempre, em testemunhos manuscritos e dactilografados («flôr» e «flôres»).*
21 **AB** são innocentes... **Cad** são <innocentes> [↑ contentes], **Ath** são contentes.
22 **A** são innocentes **B** são innocentes, **Cad** são <innocentes> [↑ contentes], **Ath** são contentes,
23 **A** Porque se **BCadAth** Porque, se
24 **A** innocentes e tristes, **B** innocentes e tristes **Cad** innocentes [↑ contentes] e tristes [↑ <semi{↑ meio}-alegres>], **Ath** contentes e tristes,
25 **AB** Seriam alegres e innocentes... **Cad** Seriam allegres e <innocentes>

[↑ contentes]... **Ath** Seriam alegres e contentes.

26 **ABCad** incommoda **Ath** incommóda
27 **ABCad** mais... **Ath** mais.
28 **ABCad** desejos... **Ath** desejos.
29 **A** minha **BCadAth** minha.
30 **A** de olhar para a m/ sombra... **B** de olhar para a minha sombra... **Cad** de <olhar para a minha sombra...> [↑ <estar ao pé de mim.>] [↓ estar sôsinho.] **Ath** de estar sôsinho.] *«sôsinho» tem acento grave, mas há casos em que surge com acento agudo (em xxxiv, 2, por exemplo).*
31 **AB** ás vezes **Cad** ás vezes [←.] **Ath** ás vezes,
32 **AB** Ser arvore ou ser cordeirinho **Cad** Ser arvore ou [↑ Imaginar] [← Por imaginar,] ser cordeirinho **Ath** Por imaginar, ser cordeirinho
36 **A** É só porque escrevo ao pôr do sol **B** É só porque escrevo ao pôr do sol, **Cad** É só porque escrevo [↑ penso {↑ sinto} nos versos] [← sinto o que escrevo] ao pôr-do-sol, **Ath** É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
38 **ABCad** fóra... **Ath** fóra.
40 **ABCad** passeando nos caminhos **Ath** passeando pelos caminhos
41 **ABCad** n'um papel que está dentro do meu pensamento, **Ath** num papel que está no meu pensamento,
43 **AB** vejo o recorte de mim **Cad** vejo o [↑ um] recorte de mim **Ath** vejo um recorte [← outro] de mim
44 **A** outeiro **BCadAth** outeiro,
45 **A** para o rebanho e vendo as m/ ideias **BCadAth** para o meu rebanho e vendo as minhas idéas,
46 **A verso inexistente. BCadAth** Ou olhando para as minhas idéas e vendo o meu rebanho,
48 **AB** E quer fingir que comprehende... **Cad** E quer fingir que comprehende... **Ath** E quer fingir que comprehende.

- 49 **A** todos que me lêrem **B** todos que me lêrem. **Cad** todos que me lerem, **Ath** todos os que me lerem,
- 50 **A** chapéu **BCadAth** chapéu
- 51 **A** Do limiar da m/ porta **B** Do limiar da minha porta **Cad** Do limiar da [↑ <De onde me vêem á>] [← De <onde> {↑ quando) me vêem á] minha porta **Ath** Quando me vêem á minha porta
- 52 **AB** Mal a diligencia assoma ao cimo do outeiro... **Cad** Mal a diligencia <assoma ao> [↑ <começa no>] [↓ levanta no] cimo do outeiro... **Ath** Mal a diligencia levanta no cimo do outeiro. [← vem soando até ao madrugada] [→ se levanta /do/] [← levanta stet ↑ SIC] a palavra «stet», depois de «levanta», indica que este verbo não se deve modificar.
- 53 **A** sol, **B** sol **CadAth** sol,
- 58 **ABCad** versos... **Ath** versos.
- 59 **A** lêrem **BCadAth** lerem
- 60 **A** De mim que sou qualquér cousa natural **BCad** Que sou qualquér cousa natural – **Ath** Que sou qualquer cousa natural –
- 62 **A** Á sombra da qual **B** <A>/Á <cuja> sombra [↑ da qual] **CadAth** Á sombra da qual
- 63 **A** Se sentavam com um baque, cançados de brincar **B** Se sentavam <, deixando-se cair.> [↑ com um baque, cançados de brincar.] | <Cansados de brincar.> **Cad** Se sentavam com um baque, cançados de brincar, **Ath** Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
- 64 **A** testa **BCadAth** testa quente
- 65 **ABCad** riscado... **Ath** riscado.

II | 2

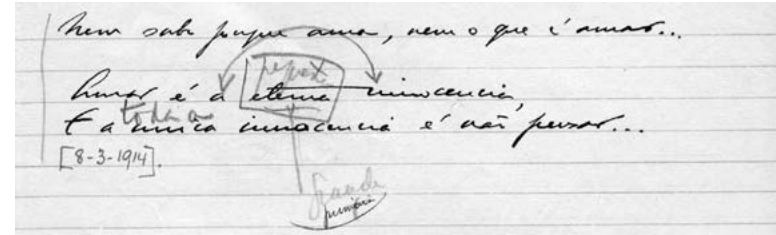
[67-14] [67-5^a a 6^a] [145-3^a e 4^a]

Existem um testemunho riscado, A (67-14^a), uma primeira passagem a limpo, B (67-5^a a 6^a), e o testemunho presente no caderno de O Guardador. **Cad** (145-3^a e 4^a), datado de 8 de Março de 1914, tal como o primeiro

poema do ciclo; os testemunhos antigos, A e B, carecem de data, mas serão de 1914. Note-se o alto número de reticências (sinal utilizado para exprimir hesitação ou surpresa), atendendo a que este poema não foi publicado na revista Athena, onde esse sinal praticamente desaparece.

NOTAS

- 1 **A** O meu olhar é nitido como um girasol **B** O meu olhar é nitido como um girasol. **Cad** O meu olhar é [↑ está] [↑ Onde eu olho tudo está] nitido como um girasol. [← Ao meu olhar, tudo é (↑ Tudo que vejo está) nitido como um girasol.] *optamos por não inserir a variante «Tudo que vejo está», atendendo a que se encontra sobre um traço cortado, indicando hesitação.*
- 3 **A** esquerda **BCad** esquerda,
- 4 **A** <Ou>/E\ **BCad** E
- 6 **A** que eu nunca antes tinha visto **BCad** que nunca antes eu tinha visto,
- 8 **A** Sei ter o pasmo <qu> essencial **B** Sei ter o pasmo essencial **Cad** Sei ter o pasmo <essencial> [↑ com os olhos] [↓ por traz dos olhos] [→ commigo]
- 9 **A** Que tem uma creança se ao nascer **B** Que teria uma creança se, ao nascer **Cad** [↑ O] Que teria uma creança se, ao nascer,] *o acrescento em Cad falta nas outras edições.*
- 12 **AB** Para a eterna novidade do mundo... **Cad** Para a eterna [↑ serena] [↓ perpetua (↓ subita)] [← grande] [← completa] novidade do mundo...] *veja-se o poema que começa «Sinto-me recém-nascido a cada momento» (68-3^a).*
- 13 **A** n'um malmequer **B** n'um malmequér, **Cad** n'um malmequer,] «n'um», com apóstrofo, que só desaparece nos poemas publicados na revista Athena; veja-se, por exemplo, o verso 41 do poema anterior.
- 14 **ABCad** n'elle] *com apóstrofo, que perderam os poemas publicados na*



Cad – FINAL DO POEMA II

- revista Athena; veja-se, por exemplo, o verso 45 do poema v.
- 18 **A** d'accordo. **B** de accôrdo... **Cad** de accôrdo...] *reticências conjecturais.*
- 19 **AB** philosophia, **Cad** philosophia:
- 20 **AB** Se fallo na Natureza, não é porque saiba o que ella é, **Cad** Se fallo na Natureza não é porque saiba o que ella é,
- 21 **A** Mas é porque a amo, e amo-a por isso **BCad** Mas porque a amo, e amo-a por isso,
- 24 **A** Amar é a eterna innocencia... **B** Amar é a eterna innocencia, **Cad** Amar é a eterna [↑ pequena] [↓ grande] [↓ primeira] innocencia,
- 25 **AB** E a a unica innocencia é não pensar... **Cad** E a unica [↑ toda a] innocencia é não pensar...
- 2 **AB** E sabendo de soslaio **Cad** E sabendo de soslaio [↑ de cima] [← por cima dos olhos]
- 4 **A** Verde... **BCad** Verde.
- 5 **A** <Elle> [↑ Elle] era um camponez **BCad** Elle era um camponez
- 6 **A** pela cidade... **BCad** pela cidade.
- 7 **A** casas **BCad** casas,
- 8 **A** ruas **BCad** ruas,
- 9 **A** cousas **B** cousas, **Cad** <cousas> [↑ pessoas],
- 10 **A** arvores **BCad** arvores,
- 12 **AB** E anda a reparar nas flores **Cad** E anda [↑ se vê] a reparar [↓ vê que está a reparar] nas flores
- 14 **A** tinha... **BCad** tinha,
- 15 **AB** Mas andava na cidade como quem anda no campo **Cad** Mas andava na cidade como quem [↑ não] anda no campo] *nem em A nem em B figura o importante acrescento inserido em Cad.*
- 16 **A** E [↑ triste] como esmagar flores **B** E triste como esmagar flôres **Cad** E triste como esmagar flores
- 18-19 *Os testemunhos A e B não têm estes versos.*
- 19 **Cad** Era poeta d'isto, [↓ mas] com [↓ na] tristeza.] *propomos uma nova leitura, também conjectural (entre «poeta» e «parte», preferimos «poeta»).*

NOTAS

- 1 **A** janella **BCad** janella,



NOTAS BIOGRÁFICAS

O AUTOR

FERNANDO PESSOA (1888-1935) é hoje o principal elo literário de Portugal com o mundo. A sua obra em verso e em prosa é a mais plural que se possa imaginar, pois tem múltiplas facetas, materializa inúmeros interesses e representa um autêntico património colectivo: do autor, das diversas figuras autorais inventadas por ele e dos leitores. Algumas dessas personagens, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, Pessoa denominou

«heterónimos», reservando a designação de «ortónimo» para si próprio. Director e colaborador de várias revistas literárias, autor do *Livro do Desassossego* e, no dia-a-dia, «correspondente estrangeiro em casas comerciais», Pessoa deixou uma obra universal em três línguas que continua a ser editada e estudada desde que escreveu, antes de morrer, em Lisboa, «I know not what to-morrow will bring» [«Não sei o que o amanhã trará»].

O CO-AUTOR

Descrito como um pastor amado pelos deuses, embora não fale muito dos campos nem dos deuses, ALBERTO CAEIRO DA SILVA nasceu em 1889 e tornou-se, antes de fazer 25 anos, o Mestre do próprio Fernando Pessoa e de alguns dos seus outros eus mais conhecidos. Passou quase toda a sua vida – isto é, de 1891 a 1915 – numa quinta do Ribatejo. Para ele, «O unico sentido intimo das cousas | É ellas não terem sentido intimo nenhum», não porque descesse da existência das coisas, mas porque nunca percebeu os poetas metafísicos nem certas metáforas poéticas. O seu sentimento da natureza, por exemplo, não admite versos como «O manso caminhar destes ribeiros» de Camões. Foi autor de um livro,

O Guardador de Rebanhos, em que os críticos – leia-se Fernando Pessoa desdobrado em muitos eus – ouviram a música dos versos de Walt Whitman e Cesário Verde, entre outros, e sobre o qual concedeu entrevistas; foi ainda autor dos poemas soltos que Álvaro de Campos sugeriu reunir sob a designação *Poemas Inconjunctos*, e dos poemas em que o amor o cegou, intitulados *O Pastor Amoroso*. Sobre Caeiro escreveram todos os autores fictícios que o conheceram e por isso a sua obra, como a de um evangelista sem religião («Pensar em Deus é desobedecer a Deus», escreveu), é indissociável do que outros escreveram sobre ele, quer reconstruindo os seus diálogos, quer filosofando sobre o seu paganismo sem fé.

OS EDITORES

Professor, tradutor, crítico e editor, JERÓNIMO PIZARRO é o responsável pela maior parte das novas edições e novas séries de textos de Fernando Pessoa publicadas em Portugal desde 2006. Professor da Universidade dos Andes, titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Prémio Eduardo Lourenço (2013), Pizarro voltou a abrir as arcas pessoais e redescobriu «A Biblioteca Parti-

cular de Fernando Pessoa», para utilizar o título de um dos livros da sua bibliografia. Foi o comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do livro de Bogotá (FILBo) e coordena há vários anos a visita de escritores de língua portuguesa à Colômbia. Co-editor da revista *Pessoa Plural*, assíduo organizador de colóquios e exposições, dirige actualmente a Colecção Pessoa na Tinta-da-china.

PATRICIO FERRARI deixou a Argentina aos 16 anos e, desde então, tem vivido nos EUA, Índia, França, Itália, Alemanha, Portugal e Suécia. O seu trabalho de editor, crítico literário e tradutor é marcado por uma vida entre diversas línguas. Em 2006 concluiu um mestrado em Literatura Comparada na Sorbonne Nouvelle (Paris III), com uma dissertação sobre a poesia de Borges e Pessoa. Doutorou-se em 2012 na Universidade de Lisboa com a tese

«Meter and Rhythm in the Poetry of Fernando Pessoa». Durante o pós-doutoramento publicou a primeira edição crítica da poesia francesa de Pessoa, assim como numerosos poemas ingleses inéditos do autor dos *English Poems*. É colaborador do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa e, como escritor, está inscrito no Literary Arts MFA Program de Brown University.



**OBRA COMPLETA
DE ALBERTO CAEIRO**

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA
E VERLAG, E IMPRESSO NA RAINHO & NEVES, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 80 G/M²,
NO MÊS DE ABRIL DE 2016.

